



## PODER

# Quase R\$ 150 bi nas mãos de três partidos

Legendas do Centrão, PP, PL e Republicanos vão definir a destinação dos recursos, superiores ao orçamento dos ministérios da Defesa e da Educação. É a primeira vez que tão poucas siglas detêm tanto poder sobre a peça orçamentária

» INGRID SOARES  
» TAÍSA MEDEIROS

Grupo conhecido por não ter amarras ideológicas e transitar entre diferentes núcleos políticos, o Centrão foi o maior beneficiado no Orçamento deste ano, sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Os partidos PP, PL e Republicanos controlarão mais de R\$ 149,6 bilhões. O montante é maior do que o orçamento estimado para os ministérios da Defesa (R\$ 116,3 bilhões) e da Educação (R\$ 137 bilhões). É a primeira vez que um volume tão grande de recursos fica nas mãos de apenas três legendas.

Economista e integrante do Conselho Regional de Economia (Corecon-DF), Guidborgogne Nunes definiu como "irracional, desintegrada e desorganizada" a delegação das verbas às siglas. "Prevaleram lógicas particulares diante do interesse público. Cortaram recursos do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e da educação para garantir emendas particulares. Um Orçamento federal, nesse contexto, não está vinculado a políticas de desenvolvimento", reprovou. Ele ainda criticou a falta de rigor da peça. "É uma irracionalidade se orçar R\$ 140 bilhões com base em emendas parlamentares."

O professor de ciências políticas do Ibmec Brasília Rodolfo Tamanaha destacou que Bolsonaro se rendeu ao Centrão, mas não tem a segurança de contar com o grupo político caso corra o risco de perder as eleições. "O Centrão é reconhecido como um conjunto de partidos que não é muito fiel. Exatamente porque não existe uma adesão ideológica, o ponto de vista deles é muito

mais pragmático", disse. Por isso, Tamanaha acredita que, caso chegue o período eleitoral e Bolsonaro esteja mal nas pesquisas, é provável que haja dispersão.

Para Melillo Dinis, analista político do portal Inteligência Política, "o Centrão cresce por conta do fracasso do governo em estabelecer qualquer tipo de governança". "A fatura do controle da pauta do impeachment está sendo cobrada em parcelas", afirmou, em relação à série de pedidos de impedimento contra Bolsonaro protocolados na Câmara.

### Fragilidade

O cientista político e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Ricardo Ismael também mencionou os pedidos de impeachment contra o chefe do Executivo. "O bloco percebeu a fragilidade do presidente e tem colocado as cartas na mesa, exigindo cada vez mais recursos fundamentais nesse processo de reeleição de deputados federais, senadores. O Orçamento reflete esse poder, que é consequência dessa procura por blindagem no Congresso."

Ele também avaliou que, a se manter essa queda de popularidade do presidente, o grupo político o abandonará. "O Centrão não tem vocação para pular no abismo. O presidente pode ser ainda competitivo no segundo turno, mas, lá chegando, tem poucas chances, se forem mantidas as condições atuais", disse. "O Centrão vai seguir sua tradição: vai sugar o máximo possível de recursos do governo e, mais para a frente, decidirá qual candidatura é mais competitiva no primeiro turno."

Ed Alves/CB/D.A Press



O ministro da Casa Civil, **Ciro Nogueira**, e o presidente da Câmara, **Arthur Lira**, líderes do Centrão

### Duas perguntas para

**Christopher Garman, cientista político da Eurasia**

**Pela primeira vez, um montante dessa magnitude, de R\$ 149,6 bilhões, está na mão de apenas três partidos, da base do Centrão. O que isso traduz, em termos de momento econômico e político que o Brasil vive?**

*Vejo isso como reflexo da eleição de 2018, na qual a classe política sofreu um terremoto com essa onda de descontentamento contra partidos políticos, contra o sistema, e levou a uma taxa de renovação histórica no*

*Senado e na Câmara. Então, nos últimos três anos, a gente está vendo a reação dessa classe política que se sentiu muito insegura com a sua posição e seu potencial de reeleição. E isso foi expressado por meio de um movimento do Congresso se apropriando de um controle maior do Orçamento, do aumento no volume de emendas parlamentares e do fundo eleitoral. Eles chegaram à conclusão de que a quantidade de recursos que*

*tinham não era suficiente para garantir a reeleição.*

**Que impacto esse domínio do Centrão no Orçamento deve exercer na política brasileira?**

*Acho que vai impactar no índice de reeleição de parlamentares. Por duas razões: não só porque deputados e senadores terão mais recursos para contemplar suas bases, mas porque o que vai guiar a eleição, agora, é a preocupação com emprego e renda.*

## Servidores farão ato dia 2

» RAPHAEL FELICE

O Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasef) e o Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas do Estado (Fonacate) organizam um ato para 2 de fevereiro, na Praça dos Três Poderes, no qual vão cobrar do governo, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (STF) respostas sobre as reivindicações de aumento salarial.

Representantes das entidades entregarão um ofício em que pedem, além do reajuste salarial de 19,99%, o arquivamento da proposta de reforma administrativa e a revogação do teto de gastos.

"Estranhamos o fato de não ter sido aberta uma mesa de negociação entre o governo e os sindicatos representantes dos servidores. Para registrar nossa disposição de iniciarmos um processo de negociação com o governo, estamos solicitando uma audiência com a Casa Civil", diz o documento.

Uma plenária nacional ocorrerá amanhã para unificar os procedimentos das entidades. Caso as negociações não avancem, uma greve geral pode ser iniciada em 9 de março.

"Estamos formalizando os processos para depois, no caso de greve, ninguém falar que o movimento é ilegal. A gente quer dialogar, mas, do outro lado, não tem sinal de fumaça", disse Sérgio Ronaldo da Silva, secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef).

## NAS ENTRELINHAS



Por **Luiz Carlos Azedo**  
luizazedo.df@dabr.com.br

# O bolsonarismo perde seu guru, mas suas ideias têm raízes profundas

O escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo militante, faleceu ontem, vítima de covid-19, em um hospital de Richmond, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos, onde morava, oito dias após ser diagnosticado com a doença. Era um dos expoentes do negacionismo e havia se recusado a tomar vacina. O presidente Jair Bolsonaro decretou luto oficial de um dia, ainda que o relacionamento entre ambos andasse estremecido, em razão da saída do governo de alguns de seus principais aliados, como o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub e o ex-chanceler Ernesto Araújo. Bolsonaro lamentou a morte do escritor e prestou solidariedade aos familiares, amigos e alunos dele.

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, seu nome completo, dava aulas de filosofia e fez a cabeça de uma legião de empresários, executivos e intelectuais conservadores, por meio de cursos, palestras, vídeos e livros. Um deles, intitulado *O mínimo que você precisa saber para não se tornar um idiota* (Record), uma coletânea de textos organizado por Felipe Moura Brasil, virou um best-seller, que rivalizou com livros de autoajuda. Carvalho nunca foi reconhecido como filósofo pela academia. Foi astrólogo e

integrante de uma seita muçulmana sunita. Por meio das redes sociais, conseguiu difundir suas teses conservadoras com muito sucesso. Seu perfil no Facebook tem mais de 587 mil seguidores. Mantinha um seminário virtual cuja mensalidade custava 60 reais. Se autointitulava "líder supremo do comunismo latino-americano" e dizia que "ideologia de gênero, abortismo e gayzismo" são parte de uma "revolução cultural" coordenada por comunistas.

Carvalho construía teorias conspiratórias com base em fake news. Chegou a ponto de descrever o ex-presidente Barack Obama como um político "apoiado entusiasticamente pela Al-Qaeda, pelo Hamas, pela Organização de Libertação Palestina, pelo presidente iraniano (Mahmoud) Ahmadinejad, por Muammar Khadafi, por Fidel Castro, por Hugo Chávez e por todas as forças antiamericanas, pró-comunistas e pró-terroristas do mundo, sem nenhuma exceção visível". Misturava as ideias do norte-americano Steve Bannon, ex-estrategista de Donald Trump e um dos responsáveis pela invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, com velhas teses sobre a realidade brasileira cujas origens estão em intelectuais como Oliveira Vianna (Populações

**OLAVO DE CARVALHO VIVIA ÀS TURRAS COM OS MILITARES DO GOVERNO E CRITICAVA DURAMENTE A ALIANÇA DE BOLSONARO COM O CENTRÃO, OS DOIS SETORES RESPONSÁVEIS PELO ISOLAMENTO E PELA SUBSTITUIÇÃO DOS EX-MINISTROS WEINTRAUB E ARAÚJO, SEUS PRINCIPAIS ALIADOS NO GOVERNO**

Meridionais do Brasil) e Oliveiros S. Ferreira (Limites e possibilidades do partido fardado). Suas intervenções eram radicais, desbocadas e sempre agressivas.

A aliança com Bannon foi estratégica para a aproximação entre Donald Trump e o clã Bolsonaro, além de outros líderes de direita no Ocidente. Ex-produtor de Hollywood, Bannon editou o site Breitbart News. Recentemente, foi preso por descumprir mandado relacionado à investigação do ataque de manifestantes pró-Trump contra o Capitólio. Olavo de Carvalho também resgatou velhas teses de Oliveira Vianna sobre a elite agrária e o papel dos militares, também endossadas por Oliveiros S. Ferreira, de quem tomou a interpretação sobre o conceito de hegemonia do teórico marxista Antônio

Gramsci, para construir sua narrativa sobre o chamado "marxismo cultural", chave para entender a política de Bolsonaro em relação à educação e à cultura.

### Militares

Oliveiros S. Ferreira estudou o protagonismo dos militares na República. Em O Estado de São Paulo, de 26 de junho de 1988, a propósito do regime militar, num artigo intitulado O reconhecimento da derrota, destacou uma carta do general Góes Monteiro ao jurista liberal Sobral Pinto, na qual o então ministro da Guerra, em abril de 1945 — ou seja, pouco antes do fim do Estado Novo —, reconhecia a derrota do "partido fardado" diante de uma nação "que não

compreendia e que nunca poderia compreender". Segundo ele, porque trouxe-ra da Escola Militar a marca do castilhis-mo, "um modelo de tirania esclarecida".

Olavo de Carvalho vivia às turras com os militares do governo e criticava duramente a aliança de Bolsonaro com o Centrão, os dois setores responsáveis pelo isolamento e pela substituição dos ministros Weintraub e Araújo, os mais ligados ao guru do bolsonarismo. Vinha fazendo duras críticas a Bolsonaro por não ter "destruído" o que chama de hegemonia da esquerda ("comunista") na sociedade, que seria a base de sustentação da candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Erramos: na edição de ontem, na coluna intitulada Bolsonaro escolhe inimigos, Lula busca aliados, Moro sofre ataques, uma frase truncada atribuiu, indevidamente, o faturamento de R\$ 42,5 milhões do escritório Alvarez & Marsal com processos da Lava-Jato ao ex-juiz Sergio Moro, candidato do Podemos à Presidência. Segundo o relatório do TCU, o faturamento foi do escritório norte-americano. A informação foi devidamente corrigida no site do *Correio* e no blog, porém, isso não foi possível no jornal impresso, daí a necessidade desta retificação.